

Então, o que é Maçonaria?

É possível identificar, dentro da ordem maçônica internacional, três diferentes vertentes principais. Essas “vertentes” não se confundem com Potências (Obediências) Maçônicas, constituindo linhas interpretativas da história, filosofia e objetivos da Maçonaria. Um aspecto curioso que precisa ser ressaltado é a possível presença das três vertentes, conjuntamente, entre irmãos de uma mesma Loja.

■ **A primeira** delas, que chamaremos histórica/tradicional, é praticada originariamente nos países de língua inglesa, manifestando-se também em quase todos os países do mundo. Exige a fé em Deus, entendido dentro do conceito judaico/cristão e utiliza a bíblia como livro da lei, sobre a qual são tomados os juramentos.

■ **A segunda**, que poderemos chamar de agnóstica, não obriga a crença em Deus, eliminou a invocação *À glória do Grande Arquiteto do Universo* de seus rituais e teve manifestações políticas e espírito anticlerical, tem como sua principal manifestação na França, existindo também na Itália e países latinos.

Aula 11

Objetivos:

- Comentar as diferentes vertentes interpretativas da maçonaria;
- Ressaltar o significado e historicidade da Vertente tradicional.

■ **A terceira** vertente é aquela que, partindo da tradicional, aplicou com toda intensidade a interpretação mística aos símbolos, história e filosofia da instituição. Encontra-se principalmente entre os povos latinos da Europa e Américas, mas se manifesta também em outras regiões.

A Vertente tradicional

A linha tradicional propõe o aperfeiçoamento humano dentro do pensamento que pode ser refletido no antigo conselho do oráculo de Delfos: **Conhece-te a ti mesmo**. Desenvolve-se a idéia de que pelo trabalho consciente de eliminar suas imperfeições o homem adquire autodisciplina, pondo em ordem hierarquicamente adequada razão, emoções e sentidos. É a cabeça que deve dominar sobre o corpo; a razão sobre as emoções e sobre os sentidos. A prática em loja, com momento e a maneira apropriada de falar, sem possibilidade de réplica já induz uma disciplina e um comedimento raramente encontrados em nossa civilização atual, cuja palavra de ordem tem sido por muito tempo **“é proibido**

proibir”, associando toda idéia de disciplina a repressão, e como tal, rejeitada. É uma proposta de desenvolvimento do ato reflexivo. O homem precisa se conhecer visando melhor se estruturar para: **“impormos um freio salutar a essa impetuosa propensão [o vício], para elevarmo-nos acima dos vis interesses que atormentam o vulgo profano e acalmarmos o ardor de nossas paixões...”**¹ como diz um texto conhecido de todos maçons.

Esse aperfeiçoamento preconizado não tem qualquer associação com conotações religiosas, seu objetivo é claramente identificado, não se tratando de nenhum aprimoramento espiritual para levar o homem a um nível de aceitação por Deus, como propunham as religiões do passado em suas práticas e ritos de purificação. Quando se fala em espírito, no contexto maçônico, é uma referência à luz da razão, a atributos intelectuais, não a qualquer interpretação religiosa sobre a natureza do ser.

Não possuindo nenhuma doutrina filosófica específica sobre ontologia—a natureza do ser—e sua interação com o divino, a Maçonaria afirma apenas que o homem deve estar vinculado à idéia de um criador e da continuidade da vida, mas não apresenta qualquer desenvolvimento doutrinário sobre esses dois aspectos, entendendo que eles constituem temas apropriados para o desenvolvimento dos conceitos religiosos que cada um livremente adota

A vertente Agnóstica

A manifestação do agnosticismo na maçonaria, como já vimos em aula anterior, levou ao extremo a idéia de liberdade de pensamento, admitindo que seus membros podem não apenas ter qualquer religião, como até não ter nenhuma.

É bom lembrar que o agnóstico não nega a existência de uma realidade transcendental, como faz o ateu, ele apenas afirma nada conhecer sobre esse tema. Como vimos, a eliminação da invocação ao G.:A.:D.:U.: levou a extremos materialistas e anticlericais que causou grandes celeumas, desviando com essa postura contestadora, a maçonaria de sua origem tradicional. Esta tendência manifestase ainda hoje em algumas potências e lojas.

A vertente mística

A nova versão da maçonaria, que foi chamada especulativa e teve sua eclosão pública no início do século XVIII, desde cedo atraiu sobre si atenções diversas. Além da desconfian-

ça dos governos e das Igrejas, atraiu também intelectuais de diferentes tendências e escolas que se filiaram à nova instituição, levando consigo suas idéias filosóficas e práticas ritualísticas dando aos antigos símbolos novas interpretações com as quais os operativos jamais tinham sonhado. Alguns desses novos iniciados procuravam apresentar a instituição como um novo florescimento das mesmas antigas raízes que haviam originado as escolas de mistério do Egito, Índia e Grécia. Da mesma forma como os antigos construtores procuravam enobrecer suas origens fazendo-as remontar primeiro ao construtor da torre de Babel e depois à Salomão e seu templo, alguns dos novos maçons queriam vincular sua instituição às antigas filosofias religiosas do oriente próximo e distante. Assim, encontramos em nossos símbolos referências herméticas, cabalísticas, rosa-cruzes, templárias etc, refletindo o simbolismo e a formulação filosófica que os codificadores das mutações da instituição podiam justapor ao acervo de significados da associação de construtores operativos.

As interpretações de origem místicas acrescentadas compõem uma verdadeira colcha de retalhos simbólico/filosófica que podemos chamar de sincretismo maçônico e que foi penetrando, sendo aceito e incorporado em diferentes graus nos países para onde a maçonaria se expandiu.

O que a maioria dos autores que abordam este tema parecem não compreender é que, quando descrevem os ritos egípcios, os mistérios de Elêusis, ou a cabala, estão falando de específicas manifestações filosófico/religiosas dos egípcios, gregos e judeus, não de maçonaria. O que existe de comum entre a Ordem maçônica e aquelas antigas manifestações religiosas é, em certa proporção o método iniciático e alguns elementos simbólicos, mas a maçonaria não constitui, de maneira alguma, uma versão atualizada daquelas organizações. Os símbolos antigos presentes no acervo maçônico foram recolhidos daquelas antigas instituições por aqueles que formularam as alterações da guilda operativa e codificaram os diversos graus e seu simbolismo. Uma primeira evidência disso é o fato de que nenhuma daquelas escolas de sabedoria evoluiu em sua região de origem para qualquer coisa que se assemelhe à maçonaria. Sabemos que

na Índia, Egito e em muitos outros pontos do oriente próximo e Europa Oriental existem atualmente cultos que preservam muito do pensamento e da prática daquelas antigas religiões, e que são hoje em dia suas herdeiras. Todas são cultos ou seitas religiosas em sua configuração, prática e objetivos, nada tendo em comum com a maçonaria além de um ou outro elemento simbólico.

Entre as organizações ocidentais que mais apropriadamente poderíamos considerar como herdeiras (filosófica e espiritualmente, não historicamente) das antigas escolas de mistérios estão: a Teosofia, de Helena Blavatsky, Anie Besant e C. W. Leadbeater, com suas derivações; as Ordens Rosa-Cruz (AMORC e outras); os novos Gnósticos de Samael Aun Weor e outras assemelhadas. Estas instituições são completamente dissociadas da maçonaria em suas organizações e objetivos.

É verdade que, por exemplo, a maçonaria tem em seus símbolos e rituais muitos elementos hebraicos, como mostram as referências ao templo de Salomão, à lenda de Hiram, as palavras de passe e sagradas, as lendas de graus superiores, contudo e claramente, a maçonaria não consiste por isso numa versão ociden-

talizada de judaísmo. Do mesmo modo foram incorporados ao simbolismo maçônico, elementos do pitagorismo, cabala e teosofia, utilizados em associação à tradicional simbologia dos construtores medievais. Todavia, a presença destes elementos não torna a maçonaria uma escola de cabala, um culto pitagórico ou teosófico, como querem alguns autores. O que dava a cada uma daquelas escolas suas características essenciais era o conteúdo teórico/ filosófico ministrado, seus objetivos, suas práticas ritualísticas coletivas e individuais. As escolas de mistérios eram imbuídas de caráter fortemente religioso e propunham, através de uma série de iniciações, pôr o neófito em contato com verdades cada vez mais esclarecedoras, contidas em dois grandes títulos, **os pequenos mistérios e os Grandes mistérios.**² Supunha-se que acompanhavam as revelações destas grandes verdades reais mutações interiores no indivíduo, que ascendia a níveis de consciência ultrafísicos, adquirindo o poder de realizar maravilhas. Cada uma delas tinha uma maneira especial de codificar sua verdade, que era transmitida a seus componentes em cerimônias especiais.

Como vemos, seus objetivos não são os da maçonaria. A maçonaria não detém nenhuma verdade mística transcendental a ser comunicada a seus adeptos, nem se propõe servir de ponte entre o neófito e qualquer suposta consciência superior. A instituição maçônica enfatiza a necessidade do uso da decisão **racional** e do empenho da **vontade** para a eliminação dos defeitos de personalidade para que o homem torne-se melhor, mais ajustado e capaz de auxiliar seus irmãos humanos.



Para aqueles leitores que se incluem na vertente mística sugiro que, examinando a prática real e cotidiana de suas lojas reflitam sobre as seguintes questões, que descrevem características comuns às chamadas escolas de mistérios:

- 1. Tem a maçonaria alguma instrução, prática coletiva ou individual que ensine exercícios respiratórios, técnicas para o desenvolvimento da consciência, ou o despertar de centros psico-energéticos (chacras) ou práticas assemelhadas?*
- 2. Existe, em alguma instrução, algum ritual, algum grau, cerimônia ou exercício de invocação de poder ou poderes místicos, guias ou mestres espirituais?*

3. *Por acaso algum grau desenvolve culto a alguma divindade, ou desenvolve-se qualquer cerimônia onde se procure controlar ou manipular supostas forças ou energias sutis de caráter humano ou transcendente?*

4. *Existe alguma cerimônia ou instrução de algum grau que ensine ou comente métodos para alcançar salvação da alma, espírito, ou qualquer contraparte transcendente do ser humano?*

A resposta para todas e cada uma das questões acima é única: um retumbante e sonoro **Não**, a menos que, em algum recanto deste imenso e diversificado país, algum maçom esquecendo-se dos rituais e da tradição, tenha dado asas à sua imaginação e criatividade desenvolvendo um produto híbrido incorporando algum dos aspectos mencionados aos trabalhos maçônicos, criando um rito esdrúxulo e disforme, capaz de incorporar qualquer adjetivo esotérico, mas que jamais seria maçonaria.

A maçonaria constitui uma organização *sui generis*; Não sendo religião ou seita, tem, contudo, atitudes de conformação religiosa: possui

ritos, rituais, liturgia, e exige de seus membros a crença num princípio criador, o Grande Arquiteto do Universo e na continuidade da vida, cuja definição, como já vimos, deixa a cada um, segundo sua opção religiosa. Esta exigência reflete o reconhecimento da necessidade humana de um relacionamento íntimo com os aspectos transcendentais da realidade e a rejeição de uma visão cosmogônica materialista. Este reconhecimento congrega também uma admissão implícita de que o aprimoramento pessoal pregado pela instituição não poderá ser alcançado por alguém que destes aspectos esteja dissociado, pois:

Todo maçom é obrigado, por sua condição, a obedecer à lei moral; e se compreende bem a arte, não será jamais um ateu estúpido nem um libertino irreligioso.

Valorizando a religiosidade, a maçonaria incentiva a disciplina e o cultivo dos valores do espírito.

Num meio sócio-cultural como o nosso brasileiro, onde a maioria está de uma maneira ou de outra ligada ao Cristianismo, é natural

que seus membros adotem o conceito do G.:A.:D.:U.: de acordo com os preceitos das várias denominações cristãs a que pertencem, porém dada a índole sincretista predominante, muitos se sentem mais atraídos pela interpretação mística dos símbolos, e encontram nas cerimônias praticadas em loja conotações, associações, que outros de tendência diversa não chegam a considerar. Assim encontramos escritos que vêm valor místico em todos os procedimentos em loja, sejam eles tradicionais ou recém inventados.

Esclarecendo melhor meu pensamento: é certo que o simples ato de respirar é maravilhoso e que podemos desenvolver considerações de grande profundidade filosófica apenas pela observação da queda de uma folha de uma árvore. O ato de pensar libera energia, e nossos processos psíquicos são diretamente influenciados por fatores externos. Assim, arranjos geométricos, movimentos simétricos, repetições, ritmos, alternância planejadas de som e silêncio impressionam profundamente, ficando gravadas em nossos desconhecidos processos interiores. Estes elementos encon-

tram-se em toda parte, especialmente em cerimônias ritualísticas.



Se alguém a princípio com dificuldade de concentração nos estudos planejar uma série de movimentos preliminares, repetidos regularmente, como posicionar a cadeira de certa forma, posicionar o livro, abrir a janela, ajeitar a cortina, e depois iniciar o estudo, verificará que após a repetição deste ritual algumas vezes ao sentar-se para iniciar a leitura já estará no nível desejado de concentração para executar sua tarefa. Estudos sobre este campo têm sido publicados, falando também no poder do pensamento positivo, planejamento neurolinguístico além de outros enfoques no campo da auto ajuda e aprimoramento pessoal. Como estas idéias em geral não são novas, mas sim traduções em linguagem atualizada de conceitos já existentes disseminados pelas diferentes culturas do globo, podemos encontrar seus reflexos também na maçonaria.



Mas a Ordem maçônica **não possui**: Um corpo de verdades esotéricas transcendentais comunicadas aos neófitos nas sucessivas iniciações; um conjunto de instruções sistemáticas desenvolvendo as doutrinas decorrentes destas revelações; sistemas de exercícios de introspecção que conduzam a obtenção de níveis diferenciados de consciência induzindo uma nova cosmo-visão facilitando a assimilação e prática dos novos conceitos. Por todos os aspectos já levantados, repetidos e acentuados, acreditamos ter estabelecido com clareza que a maçonaria é completamente desvinculada das práticas e objetivos característicos das escolas de mistérios da antiguidade, não pretendendo constituir qualquer via, paralela ou transversal, de acesso a Deus, em qualquer sentido que seja definido, evitando qualquer formulação religiosa, como claramente estabelecem seus princípios fundamentais.

A Mística e a Arte Real

A atitude filosófica da Maçonaria é a de investigação da verdade, e seus rituais definem a Arte Real como o aperfeiçoamento na arte do pensamento. Como já comentamos, esse espírito crítico tem sido comumente exercitado na contestação de dogmas religiosos, mas tem sido esquecido quando se trata de afirmações de conteúdo místico/esotérico.



Os termos: **místico, misticismo, mistério**, estão obviamente relacionados, sendo derivados da raiz grega μ (mu), que representa o ato de por os dedos nos lábios para pedir silêncio, fazendo parte da palavra grega *muein* que pronunciada *mueîn* significa fechar-se, estar quieto, em calma, sem atividade; se a pronúncia for *múein*, significa fechar os olhos, iniciar-se num segredo. Assim, *Mystikós* significa “relativo ao mistério”, segredo, envolvendo tudo o que se relaciona com uma realidade não acessível com os instrumentos ordinários do conhecimento.

Na civilização ocidental, a Igreja constituiu-se, desde a idade média na autoridade máxima em questões transcendentais. A partir do século XVIII descobertas arqueológicas e científicas trouxeram à discussão muitos dos antigos dogmas e até meados deste século experimentou-se um ceticismo científico.

Com o renascimento do interesse pela espiritualidade, no surto de misticismo que invadiu o ocidente a partir dos anos 60, verificou-se uma proliferação de cultos e doutrinas orientais, trazendo consigo posturas curiosas. Certos grupos aceitam sem qualquer reflexão informações absurdas e interpretações esotéricas que são puro *Non Sense*. Na capa de um livro de um dos prolíficos autores atuais, uma foto mostrava o efeito simples da decomposição da luz solar em suas diferentes cores, que a legenda dizia ser uma foto especial da “Energia Ozozone” que permeia todo o espaço; outra de um fósforo aceso movido sobre um fundo escuro era apresentada

como o “rastros” deixado por uma nave estelar, numa mensagem para os fiéis escolhidos. Algumas posturas parecem transmitir a idéia de que todas as descrições lógicas e descobertas científicas são falsas e apenas os conceitos esotéricos transcendentais, por mais desvairados que pareçam, trariam finalmente a verdade.

Existe um pensamento bem divulgado nos círculos esotéricos, que embora tenha em si uma certa coerência, pode e é utilizado como argumento final, que liquida qualquer questionamento para o qual não se tenha uma resposta adequada. Ele diz mais ou menos o seguinte: **“Se não consegues aceitar a evidência de que nossas afirmações são verdadeiras, é porque não estás suficientemente evoluído para compreendê-las.”** E o questionador, para não ser considerado primitivo involuído, engole sua dúvida e deixa de exercer seu pensamento crítico, acabando por indução, pelo hábito, pela repetição, a aceitar aquelas afirmações como verdade.



É certo que para compreender determinadas realidades torna-se necessário um acervo prévio de conceitos adequados. É impossível, por exemplo, ensinar mecânica quântica a um transeunte qualquer, que passa pela rua. É necessário primeiro “iniciá-lo” num curso de física até que ele interiorize as condições de alcançar os conceitos da física quântica. De modo semelhante, as concepções de caráter transcendental desenvolvem-se gradativamente. O que não se admite é o uso daquele pensamento para fugir ao questionamento, induzindo mesmo a idéia que questionar significa não estar apto.



Voltamos a comentar agora a possibilidade de haver entre os leitores destas páginas alguém exibindo sorriso de condescendente superioridade, considerando: “Esses comentários refletem falta de conhecimento esotérico”. Examinemos então, de perto, esse tema.

A expressão **“conhecimento esotérico”**, na maioria das vezes em que é utilizada, traduz o significado de *“fé esotérica”*, pois se refere à crença na correspondência das teorias descritas em obras sobre o tema com o universo observável. Existe abundante literatura sobre esoterismo, apresentando desenvolvimento de conceitos transcendentais sobre a constituição do corpo, do ser, do planeta e universo. Falam da formação do cosmos, sua hierarquia e finalidade, posicionando a humanidade como um todo e o indivíduo dentro desse contexto, segundo diferentes escolas de pensamento. Predominam as interpretações teosóficas, originadas na obra de Helena P. Blavatsky, seus sucessores e discípulos, dentre numerosas outras vertentes. Muitas dessas formulações são atraentes, exibindo alto grau de coesão, ordenadas seqüencialmente com lógica.

As informações apresentadas são atribuídas à três fontes principais, sobre as quais fizemos curto comentário no início desta seção. A primeira delas refere-se à supostas capacidades cognitivas transcendentais de seus autores,

com as quais teriam acessado arquivos de memória universal gravados no cosmos, conhecendo de forma direta a história da terra desde milhares (por vezes milhões) de anos. Outra indica como sua origem a revelação de mestres de sabedoria, seres extra terrestres, ou outra classe de orientadores espirituais. A terceira fonte aponta para tradição ancestral oculta, revelada apenas ao autor (e seus discípulos mais próximos), devido a seus dotes individuais superiores, sendo sua missão pessoal a divulgação daquelas informações.

Não pode ser considerado **conhecimento esotérico** a simples assimilação das informações contidas nessas obras, acompanhada da crença ingênua na veracidade de tudo o que contém, pois a página em branco de um livro aceita o que quer que sobre ela se imprima. Mesmo aqueles que admitem a possibilidade de aquisição de conhecimento por via transcendente, refletindo sobre o tema serão confrontados com a questão: Como diferenciar os relatos fiéis (refiro-me àqueles nos quais o autor acredita estar dizendo a verdade) de outros exibindo apenas grandes dotes de imaginação, por vezes verdadeiros delírios? É nesse contexto que costuma surgir o pensamento comentado anteriormente, numa de suas variantes: “Quem está suficientemente adiantado na senda saberá reconhecer a verdade”.

Ora, nós reconhecemos como verdade aquelas proposições que se alinham com nosso modo de pensar, que encontram ressonância em nosso particular acervo conceitual, ou que pelo peso das evidências apresentadas, são irrefutáveis.

Bem sei da dificuldade de transferir para nível intelectual *insights* alcançados em momentos de contemplação. Também é verdade a impossibilidade de inteligir aspectos da realidade para os quais não se disponha de pré-requisitos conceituais adequados, mas a frase acima referida pode ser utilizada simplesmente como escudo para evitar exibir fragilidade (ou falsidade) de conceitos e afirmações. Aqueles que defendem as teorias de certos autores, tomando-as como verdade, sem ter comprovação de sua veracidade, estarão simplesmente exercendo seu direito de crer no que mais lhes agrada, podendo divulgar e defender sua crença, como têm feito milhares de indivíduos em todos os tempos. Isso, porém, repito, não é conhecimento, mas sim fé.

Quando ressalto a necessidade de comprovação tenho em mente não apenas referência documental ou prova de laboratório. Meu conceito de verdade não é o de Lord Kelvin: "... o que se pode pesar e medir..." entendo que a realidade cotidiana transcende em muito esses parâmetros limitados. Admito como conhecimento também a experimentação a nível pessoal, da realidade ultra física, com seus múltiplos níveis de consciência e existência. Quem quer que fale sobre esse tema sem ter experimentado a realidade de suas afirmações, não pode alegar ter qualquer "conhecimento esotérico", possuindo, quando muito, informações acerca de teorias veiculadas na literatura disponível no mercado.

Bastante pertinente sobre esse tema é o que diz Louis Pawels, em seu livro escrito em parceria com Jacques Bergier, comentando seu vínculo com grupos de estudos esotéricos:

"Esforçava-me por me separar das minhas emoções, dos meus sentimentos, dos meus impulsos, a fim de encontrar, para além, qualquer coisa de imóvel e permanente, uma presença muda, anônima, transcendente, que me consolaria da minha pequena realidade e da incongruência do mundo. (...) Supunha possuir os segredos do governo do espírito e de todo o conhecimento. Na verdade eu não possuía mais que a ilusão de

possuir e um enorme desprezo por aqueles que não partilhavam dessa ilusão".³

Mais adiante, no mesmo livro, comenta sua compreensão do transcendente:

"Cremos que é no próprio centro da realidade que a inteligência, por muito pouco excitada que seja, descobre o fantástico. Um fantástico que não convida à evasão, mas antes a uma mais profunda adesão.

É por falta de imaginação que os literatos, os artistas vão procurar o fantástico fora da realidade, entre as nuvens. Trazem apenas um subproduto. O fantástico, a semelhança das outras matérias preciosas, deve ser arrancado às entranhas da terra do real. (...)

Geralmente o fantástico é definido como uma violação das leis naturais, como a aparição do impossível. Para nós não é nada disso. O fantástico é uma manifestação das leis naturais, um resultado do contato com a realidade quando esta nos chega diretamente, e não filtrada pelo véu do sono intelectual, pelos hábitos, pelos preconceitos, pelos conformismos.(...)

Repito, o fantástico, a nossos olhos, não é o imaginário. Mas uma imaginação poderosamente aplicada ao estudo da realidade descobre que é muito tênue a fronteira entre o maravilhoso e o positivo, ou, se preferem, entre o universo visível e o universo invisível.”⁴

Considero de extrema importância aplicar a liberdade de pensar defendida por nossa instituição, também à análise de proposições esotéricas, comumente aceitas como verdades estabelecidas, talvez pela constante repetição e citações cruzadas de vários autores, sem que jamais se tenha investigado a propriedade de tais proposições.

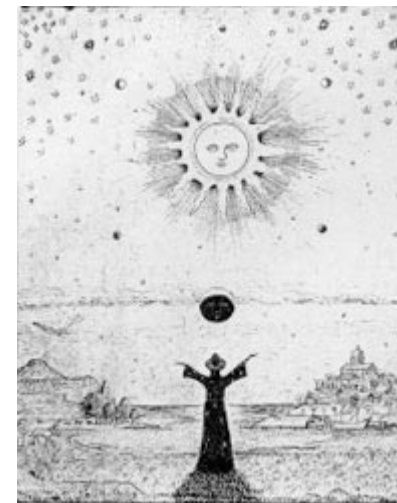
Não estou absolutamente propondo uma negação da realidade transcendental, como espero ter deixado em meus comentários anteriores. Acredito com Pascal que **“A maior aquisição da razão é perceber que existem coisas que estão além da razão”**, mas creio que existe uma profusão de exageros, uma ânsia pelo maravilhoso, pelo inusitado, que podem nos impedir de captar as imensas maravilhas do cotidiano. Esta posição foi magistralmen-

te definida por Louis Pawels e Jacques Bergier na citação acima.

Ou seja, a realidade palpável, cotidiana, quando observada, experimentada com livre atenção, traz em si mesma um sabor do maravilhoso e ecos de transcendência.

O termo *esotérikos*, significando restrito, reservado foi utilizado pelas escolas filosóficas gregas da antiguidade para qualificar o ensinamento reservado a um círculo fechado de discípulos. O pensamento místico moderno, especialmente aquele com raízes teosóficas, refere-se a uma linha única de pensamento a respeito das verdades últimas da vida e existência humanas que teria sido a fonte original das inúmeras variações encontradas nos mitos e lendas religiosas de todos os povos. Comenta-se que em épocas e povos diferentes surgiram mestres que ensinavam novamente as mesmas antigas verdades em roupagens novas, apropriadas a cada povo, época e local. Eles re-velavam a verdade, ou seja, davam a ela novos véus, nova expressão, nova forma.


O estudo comparativo da religião e mitologia dos povos, seja do oriente e ocidente, norte e sul, mostra conceitos com raízes comuns, apenas revestidos do caráter cultural específico de cada um. Carl G. Jung considerava esses fatos como evidência da existência do que ele



Cabalista contemplando o Cosmos

chamou de *inconsciente coletivo*, uma espécie de acervo psíquico comum a toda humanidade, onde em estados alterados de consciência e através dos sonhos, iríamos buscar aqueles conteúdos conceituais que vemos expressos nas religiões e mitologias conhecidas. As histórias sobre a criação, contato com os deuses, sagas de heróis e semideuses repetem-se em paralelos sem fim. Comenta-se, entretanto, que todas essas histórias e lendas constituíam apenas as religiões das massas, que o verdadeiro saber, o conhecimento esotérico em essência, a interpretação adequada dos mitos e lendas com suas conseqüências filosóficas e práticas eram dados apenas a homens escolhidos, passando “de boca para ouvido”, preservando assim esses valores para serem transmitidos continuamente a quem deles se tornasse digno.

Ao longo dos séculos têm surgido grupos, que se apresentam como possuidores do conhecimento antigo. Assim surgiram os rosacruzes, teósofos, gnósticos, novos templários, etc. numa multiplicidade de movimentos e instituições que se apresentam como capazes de transmitir os segredos da verdadeira sabedoria arcaica.



Na década de 60, sob influência do movimento hippie observou-se uma explosão de temas esotéricos na literatura. Obras antigas foram reeditadas e novos autores surgiram escrevendo sobre este tema, e o que antes era dito “de boca para ouvido”, passou a ser proclamado para “quem tiver ouvidos, que ouça e quem ler, entenda”. Em meio a essa enxurrada de textos de autores que se diziam grandes autoridades, *swamis* de nomes indianos, algumas poucas vozes se levantavam para alertar sobre a irresponsabilidade com que o tema estava sendo tratado, bem como do perigo subjacente a esse conhecimento, tão avidamente procurado. Lembravam que não era por espírito egoísta que esse conhecimento fora uma vez mantido apenas ao alcance de poucos, mas por razões mais sérias.

Existem hoje vários cursos que se propõem ensinar o “domínio da mente”, o “poder do pensamento”, onde se ensinam técnicas que permitem ao homem comum produzir efeitos

palpáveis. Todo esse conhecimento pode tornar-se uma faca de dois gumes, pois se ensina apenas as técnicas de um pseudo controle de um “poder” do qual não se conhece a origem, a natureza, extensão e possíveis efeitos secundários. Assim, ao lado dos propalados efeitos positivos sobre a vida dos praticantes paira a possibilidade do desencadeamento das consequências das práticas em si.

Temos assim hoje em dia um pequeno número aprendizes de feiticeiro, querendo ser magos ou apenas experimentar os efeitos desses poderes, sem mesmo saber com o que estão lidando. A fonte dos possíveis transtornos liberados por essas práticas prende-se ao fato de que entramos aqui em terreno desconhecido, não existem placas de sinalização (ou melhor, existem, mas têm sido ignoradas), aqui tocamos em um aspecto mais essencial e sensível do ser humano: sua insondável estrutura psíquica.

Comentam os estudiosos do tema que a ênfase das antigas escolas de sabedoria não residia em técnicas para um suposto domínio da mente, mas sim em práticas para a purificação dos atos, moral e pensamentos do praticante, para que, quando ou se o poder viesse, o homem já dispusesse de estatura suficiente para manejá-lo, se ainda nele tivesse interesse, quando certamente o faria visando o bem comum. Aquele cujo objetivo fosse tornar-se poderoso, não seria admitido nem nos níveis iniciais daquelas escolas. Consta que elas adotavam o princípio refletido nas palavras de Jesus: **“quem quiser ser o maior entre vós, seja o vosso servo.”** A ânsia em aprender a produzir prodígios observáveis é comparável ao desejo de aprender os malabarismos e contorcionismos dos artistas circenses—suscitam aplauso mas não produzem qualquer real evolução pessoal—; ou a alguém que praticasse halterofilismo com um só braço, deixando todo o resto do corpo por desenvolver, enquanto que o crescimento desejável trata de uma evolução completa de todos os aspectos da personalidade do indivíduo.

O cerne do conhecimento esotérico é o conhecido aforismo grego: *Conhece-te a ti mesmo*, Considerando-se como objetivo primordial do ser humano alcançar a manifestação plena de sua essência. A idéia motivadora considera o ser real consistindo na essência interior e não a “máscara” externa da personalidade conscientemente reconhecida. Em nossa consciência comum, objetiva, estamos semi-despertos, sonolentos, envoltos no fluxo ininterupto dos pensamentos verbalizados, que nos distanciam do ato de perceber o que nos rodeia, e nossa autoconsciência é ainda mais reduzida. Fazer a mente funcionar em níveis superiores de conhecimento teria o objetivo de tornar o homem mais harmonizado consigo mesmo e com os outros, não a obtenção de “poderes”.

Práticas como exercícios de controle de respiração e outros artifícios de exercícios psíquicos são desaconselhados pelos eruditos pesquisadores dessa área, pois os encadeamentos de causa e efeito liberados são leis inflexíveis, a exemplo do mundo físico, onde, por mais puro e bem intencionado que seja o indivíduo, ao lançar-se para fora da janela de um terceiro andar, cairá do mesmo modo que o pior dos criminosos em idêntica situação, e ninguém

pensará em considerar a lei da gravidade injusta por tratar os dois de igual modo.

No que se refere a exercícios para desenvolvimento pessoal, lembramos o que disse o apóstolo Paulo em sua primeira carta aos coríntios, após comentar o valor dos prodigiosos dons de cura, profecia etc.:

“... Passo a mostrar-vos caminho sobremodo excelente; ainda que eu fale a língua dos homens e dos anjos, se não tiver amor/caridade serei como o bronze que soa, ou como o símbalo que retine.

Ainda que eu tenha o dom de profetizar, e conheça todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar os montes, se não tiver amor/caridade nada serei.

Ainda que eu distribua todos os meus bens para os pobres, e entregue meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor/caridade, nada disso me aproveitará.”



O grego tem três diferentes palavras para o conceito que em português é traduzido pela palavra *amor*: *Eros*, que é o amor sensual, entre homem e mulher; *Philia*, que é o sentimento que une amigos, pais e filhos, irmãos; e *Agápe*, que representa uma forma mais profunda de amor, que transcende as outras duas. Quando lemos na 1ª carta de João “Deus é amor”, a palavra traduzida por amor não é eros, nem philia, mas sim *agápe*. A palavra latina utilizada para traduzir esse termo foi *Caritas*, que deu *caridade* em português, mas que infelizmente não mais traduz seu completo sentido, pois hoje em dia entende-se caridade como fazer doação aos necessitados, e *agápe* vai muito além, é o amor-ação, é perceber a necessidade do outro em todos os termos, como se no lugar dele estivesse, e agir movido por este sentimento. É deste conceito profundo que Paulo fala e no final do capítulo citado (para espanto de muitos fundamentalistas) coloca acima da esperança e da própria fé.

É nos embates da vida, no relacionamento com os que estão ao nosso redor que encontramos campo fértil e farto para o “desbaste da pedra bruta”, para o desenvolvimento daqueles valores que nos tornarão indivíduos mais puros, mais nobres, e seres humanos mais completos e realizados. Este é o conhecimento esotérico que precisa ser propagado, defendido e praticado; o conhecimento de que nossa natureza real não está presa apenas ao aqui e agora do mundo tridimensional, e que todo crescimento vertical no conhecimento de Deus, como quer que o definamos, deve necessariamente refletir-se em nosso relacionamento horizontal com nossos semelhantes.

Encerramos por aqui nossa décima primeira aula. Nela comentamos sobre as diferentes vertentes interpretativas da maçonaria e pudemos, também, ressaltar o significado e historicidade da Vertente tradicional. Em nossa próxima e última aula, vamos estabelecer com precisão as características da maçonaria tradicional, bem como comentar a opinião de outros autores sobre o tema.



O Grande Arquiteto em seu ato criador, tela de William Blake, cerca de 1827.